ESCOLA SUPERIOR JEAN PIAGET ALMADA

***ENTIDADE FORMADORA – PRÓ INCLUSÃO***

***FORMAÇÃO : Os porquês e o como da Comunicação Aumentativa***

***Reflexão Crítica:***

**Formandas:**

Maria da Luz Martins Rêgo

Ana Marina Charrua

Professoras de Educação Especial

Agrupamento de Escolas do Monte de Caparica - Almada

**Formadores:**

Drº Joaquim Colôa

Drº Nelson Santos

**Monte de Caparica**

**3 de Junho de 2014**

O motivo que nos levou a frequentar esta Acão de formação foi a necessidade de potencializar a comunicação de uma aluna permitindo, deste forma, melhorar a sua autonomia. A aluna exprime-se através de vocalizações, aponta com o dedo e utiliza o corpo do adulto como instrumento de comunicação para saciar as suas necessidades básicas, por exemplo toca-nos quando tem vontade de ir a casa de banho, sendo aqui usada a Comunicação Funcional.

No decorrer das sessões de formação existiram inúmeras temáticas pertinentes para nossa prática pedagógica e que iremos de seguida destacar:

 Refletimos sobre o conceito comunicação sobre as suas diversas intencionalidades, ou seja, pode servir para fazer pedidos, para chamar atenção, para relatar acontecimentos do dia-a-dia, etc.

Esta sessão foi pertinente para nós uma vez que aprendemos que uma comunicação adequada pode ajustar os comportamentos dos alunos.

Por exemplo, o toque é uma das estratégias mais utilizadas por nós pois ajuda a estabilizar o comportamento do aluno.

Aprendemos ainda que existem algumas questões que devem estar sempre prementes na prática pedagógica do profissional antes da implementação das estratégias face a comunicação, como por exemplo:

* Que materiais a utilizar para facilitar a comunicação? Por exemplo calendário.
* Verificar se o aluno lê símbolos? Senão, qual o motivo porque não consegue? Deve-se a uma incapacidade motora ou uma incapacidade intelectual…
* Que experiencias sensitivas e percetivas deve usar?

Nestas sessões aprendemos ainda algumas estratégias que devemos adotar para a comunicação: deve-se usar sempre a oralidade mesmo que o aluno não comunique porque vai servir de estímulo para o mesmo; deve-se manter o contato face a face com o aluno e os mapas de presenças ou qualquer outro recurso de comunicação tem de ser complexificados conforme se vá verificando a evolução do aluno.

Aprendemos ainda que os sistemas de comunicação são sempre aumentativos e nunca alternativos uma vez que todos nós temos comunicação e os sistemas servem apenas para aumentar a comunicação. Contudo podem existir sistemas alternativos quando o aluno não tem oralidade.

Nas sessões os professores referiram que existem muitas formas de comunicação: comunicação emergente; comunicação instrumental (utilização de objetos concretos, por exemplo, a garrafa, a escova, símbolos que permitam a criança tatear); comunicação por reconhecimento; expressões faciais; comunicação contingente; comunicação convencional (são símbolos que estão padronizados na sociedade, por exemplo, o sim, o não, levantar e abrir a mão para demonstrar ao outro que deve parar, entre outros); comunicação funcional (serve para fazer pedidos, por exemplo, num dos filmes que visionamos um menino, o David não conseguia vestir o boneco então dá-o ao técnico para que este o faca); comunicação de assistência (pedir ao adulto para que o ajude a vestir as calcas); comunicação de informação e comunicação não simbólica (vocalizações sem nexo, comunicação de orientação – aponta, pausa, de afastamento, de agressão de autoagressão)

Visionámos ainda filme acerca da prática pedagógica da profissional Isabel Amaral numa unidade de Multideficiência, onde constatámos que está sempre presente a comunicação tangencial, ou seja, a profissional, antecipava a tarefa/atividade recorrendo ao objeto que entregava à criança e esta ao ver ou ao mexer sabe automaticamente qual a atividade ou tarefa que se irá proceder no momento seguinte. Por exemplo uma esponja pode significar lavar as mãos, uma fralda mudança da mesma.

Posto isto, este filme permitiu-nos integrar algumas estratégias, nomeadamente, a estratégia de indução, ou seja, a educadora agarra na mão da criança para induzi-la a limpar e a criança finaliza a tarefa sozinha. A estratégia de antecipação, a educadora dá informação visual, verbal e gestual – lavar as mãos e exemplifica gestualmente utiliza pista visual e verbal, colocar a escova nas mãos da criança para esta se pentear, neste caso, são utilizadas 3 pistas: tátil, visual e verbal. As pistas verbais devem estar sempre vigentes em toda a prática.

Aprendemos também que antes de implementar um sistema de comunicação aumentativo existem inúmeras considerações a ter em conta, nomeadamente o perfil do aluno:

* as competências visuais,
* as competências auditivas,
* as competências motoras
* as competências cognitivas
* os contextos (antes de aplicar uma tecnologia ou suporte de apoio, o professor deve analisar o contexto onde o mesmo será implementado e o sistema de comunicação deve estar em constante ajustamento).

Um das sessões refletimos também acerca da postura do aluno mediante a tecnologia de apoio.

O profissional deve ter em atenção as postura dos alunos, nomeadamente, os que tem com limitações neuro motoras uma vez que muitos destes têm movimentos involuntários que são necessários serem inibidos. Posto isto, um profissional deve analisar as posturas ou posições mais adequadas que facilitem a comunicação do aluno.

No dia-a-dia os professores da formação mostraram que os profissionais induzem sem querer os alunos a manterem-se em posicionamentos incorretos. Posto isto, é importante que o profissional reflita sobre este aspeto pois o seu posicionamento mediante a criança deve ser facilitador e não um obstáculo. Portanto a escolha do sistema de comunicação aumentativa deve ser ajustado de acordo com o funcionamento do aluno.

Por exemplo para as crianças com problemas neuromotores com movimentos involuntários, nomeadamente movimentos frontais ou movimentos occipitais, é necessário usar o controle da cabeça com um posicionador. Portanto os periféricos devem ser sempre ajustados às necessidades dos alunos.

Os professores demonstraram alguns recursos que considerámos pertinentes para estabelecer e desenvolver a comunicação dos alunos, nomeadamente, o gotalk4 que pode gravar ate 22 mensagens, O Big Mac, o Alphatalker, o Inteliikeys (as lâminas já estão feitas), o Preditor – Eugénio e o my voice (16 simbolos)

Mostraram-nos algumas tabelas de comunicação com símbolos para a comunicação (SPC) que considerámos importante para realização da tabela de comunicação com a nossa aluna, uma vez que ficámos elucidadas sobre quais são as necessidades que devemos trabalhar numa fase inicial, ou seja, o beber, o comer, ola, adeus (imagens de saudação) eu (aluna), alegria, triste, zangada, fralda, leite, pão, recreio, refeitório e brincar.

Aprendemos ainda que as avaliações dos profissionais face aos alunos devem ser sempre descritivas, devem usar um discurso positivo, devem explicitar sempre as características dos alunos, nomeadamente as características orgânicas (limitações visuais, limitações motoras); as características afetivas, as características pedagógicas, as características maturacionais, as características socioculturais (o contacto ocular, o arrotar)

Os formadores frisaram ainda que estas avaliações devem ser sempre realizada em equipa.

Os professores destacaram ainda que as avaliações realizadas em gabinete não são de todo fidedigna uma vez que irão faltar outras considerações que só poderão ser constatadas noutros contextos: rotinas (recreio, sala-de-aula); interações sociais entre os pares e com os adultos, etc.

Consideramos também importante para a nossa prática pedagógica os exemplares de baterias de avaliação a aplicar com os alunos, que os professores nos mostraram para posteriormente selecionar-se o sistema de comunicação aumentativo mais adequado ao perfil do mesmo.

Aprendemos que antes de se escolher de um sistema de comunicação mais adequado deve-se ter em conta as seguintes questões: a expressão e a compreensão do aluno; o contexto (barreira arquitetónicas); as interações formais do aluno com os outros, o controlo postural do aluno/mobilidade do aluno; forma de seleção, etc.

O professor frisou ainda que após esta análise de dados é necessário que o profissional realize um relatório.

Os formadores mostraram-nos ainda a evolução dos sistemas de comunicação aumentativa simbólica, nomeadamente o sistema de rebus, o sistema makaton, o bliss, o PIC, o SPC, A Chave de Fitzgerald, o PECS, o CARS, O GRID, Escrita com Símbolos.

Destacamos aqui o sistema de comunicação PECS uma vez que visionámos um filme relativamente a implementação do mesmo.

Numa primeira fase há uma troca física, ou seja, a criança está em frente a um terapeuta que será o seu parceiro de comunicação e existe um facilitador por trás da criança. O terapeuta pede o cartão que a criança tem na mão e esta deve dá-lo e em troca recebera a recompensa do terapeuta que pode ser um rebuçado. Caso a criança não entregue o cartão, o facilitador que esta por trás de si deve segurar-lhe no braço e obrigá-la a realizar esse comportamento. Na segunda fase a criança devera entregar o cartão em troca de um objeto. Na quarta fase a criança aprende a estruturar frases, na quinta fase o terapeuta pergunta-lhe o que queres e ela já tem de selecionar uma imagem. Na sexta fase, a criança já deve responder adequadamente às perguntas do profissional e realizar comentários espontâneos. Por exemplo: eu vejo, quero, gosto. Posto isto, considerámos que este sistema de comunicação condiciona o comportamento da criança e é demasiado comportamentalista uma vez que a criança só desempenha as tarefas se obtiver uma recompensa, no nosso entender, o reforço positivo deve ser verbal e afetivo, por exemplo, dá cá mais cinco, muito bem, etc.

Aprendemos também que os sistemas sem ajuda são usados por alunos que não apresentam comprometimento ao nível motor. Por exemplo, o sistema Makaton. Os sistemas com ajuda são o SPC, Bliss/Rebus, etc, Aprendemos ainda que os símbolos de vários sistemas de comunicação podem ser pictográficos ou ideográficos.

Relativamente à manipulação dos símbolos, os formadores referiram ainda que estes devem estar sempre adequados ao perfil do aluno (tabelas de comunicação personalizadas), que deve usar-se sempre o símbolo sim e o não que as tabelas de comunicação devem constar sempre as necessidades básicas (casa-de-banho; comida; água; sentimentos; família nuclear; animal de estimação), que os símbolos devem ser sempre usados em todos os contextos frequentados pela criança (generalização) e que os símbolos podem ser usados nos mais diversos suportes: dados, tabelas de comunicação, em relógios com switch numa placa de acrílico, álbum de fotos, caderno de comunicação, livros/histórias adaptadas com símbolos.

Os professores mencionaram também que a integração do símbolo por parte do aluno deve integrar a seguinte ordem: 1º passo – Identificação; 2º passo – Ilustração; 3º passo – saber usar os símbolos para outros contextos (generalizar).

**Proposta de Trabalho Prático:**

* **Perfil da aluna**

A Vanessa tem tido um comportamento mais agressivo para com os adultos e colegas.

Este comportamento é mais notório pela manhã quando chega com a encarregada de educação à escola, entra a correr na sala, derruba os materiais, atira com os sapatos, grita, chora sem razão aparente e agride os colegas que estiverem por perto.

A aluna ainda não interiorizou as regras, não faz a leitura das imagens do seu horário e não consegue fazer a transição de uma área para outra autonomamente.

Na área da Comunicação Recetiva, a Vanessa olha para o adulto quando lhe chamam pelo nome. Contudo se lhe pedirmos algum objeto a aluna não consegue atribuir significado.

Quando lhe é pedido para ir ao horário, a aluna dirige-se para o mesmo mas demonstra muita insegurança, não atribuindo significado aos símbolos que estão no seu horário.

Na Comunicação Expressiva, a aluna apenas emite sons e quando necessita de saciar as suas necessidades básicas realiza-as de forma autónoma, como beber e ir a casa de banho. Antes de ir a casa de banho a Vanessa informa o adulto agarrando no seu braço.

* **Tabela de Comunicação**

Numa fase inicial pretendemos que a Vanessa atribua significado as palavras sim e não e aprenda a pedir quando tem necessidade de saciar as suas necessidades básicas como o comer, o beber e o ir a casa de banho. Recorremos as fotografias uma vez que a aluna não consegue atribuir significado aos símbolos do SPC e o objetivo é que esta alem de saciar as suas necessidades aprenda atribuir significado aos símbolos, uma vez que toda a sala da unidade esta estruturada em concordância com os mesmos.

Esta acão de formação foi de elevada importância na medida em que para nós funcionou como um espaço de debate, reflexão, troca de experiências e materiais. Pensamos que seja através da partilha de saberes que se constrói o conhecimento, um conhecimento global, para conseguimos aperfeiçoar as nossas práticas e intervenções pedagógicas com os nossos alunos, que não interagem com o adulto ou com os seus pares, que não verbalizam e demonstram os seus sentimentos, que de um momento em que tudo parece normal se transforma num caos.